

X

O PERDÃO

As primeiras peregrinações do Cristo e de seus discípulos, em torno do lago, haviam alcançado inolvidáveis triunfos. Eram doentes atribulados que agradeciam o alívio buscado ansiosamente; trabalhadores humildes que se enchiham de santas consolações ante as promessas divinas da Boa Nova.

Aquelas atividades, entretanto, começaram a despertar a reação dos judeus rigoristas, que viam em Jesus um perigoso revolucionário. O amor que o profeta nazareno pregava vinha quebrar antigos princípios da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as palestras dos escravos, que permuitavam imenso jubilo, proveniente das esperanças num novo reino que não chegavam a compreender. Os mais egoístas pretendiam ver no profeta generoso um conspirador vulgar, que desejava levantar as iras populares contra a dominação de Herodes; outros presumiam na sua figura um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.

Foi assim que a viagem do Mestre a Nazaré redundou numa excursão de grandes dificuldades, provocando de sua parte as observações quasi amargas que se encontram no Evangelho, com

respeito ao berço daqueles que o deveriam guardar no santuário do coração. Não foram poucos os adversários de suas idéias renovadoras que o precederam na cidade minuscula, buscando neutralizar-lhe a ação por meio de falsas notícias e desmoralizá-lo, argumentando com informações mal alinhavadas de alguns nazarenos.

Jesus sentiu de perto a delicadeza da situação que se lhe creara com a primeira investida dos inimigos gratuitos de sua doutrina; mas, aproveitou todas as oportunidades para as melhores ilações na esfera do ensinamento.

No entanto, o mesmo não aconteceu a seus discípulos. Felipe e Simão Pedro chegaram a questionar seriamente com alguns senhores da região, trocando palavras ásperas, em torno das edificações do Messias. As gargalhadas ironicas, as apreciações menos dignas lhes acendiam no animo propositos impulsivos de defesas apaixonadas. Não faltavam os que viam no Senhor um servo ativo do espírito do mal, um inimigo de Moisés, um assecla de príncipes desconhecidos, ou de traidores ao poder político de Antípaso. Tamanhas foram as discussões em Nazaré, que os seus reflexos nocivos se faziam sentir fortemente sobre toda a comunidade dos discípulos. Pedro e André advogavam a causa do Mestre com expressões incisivas e sinceras, Tiago aborrecia-se com a análise dos companheiros, Leví protestava, expressando o desejo de instituir debates públicos, de maneira a evidenciar-se a superioridade dos ensinos do Messias, em confronto com os velhos textos.

Jesus comprehendeu os acontecimentos e, calmamente, ordenou a retirada, afastando-se da cidade com tranqüilo sorriso.

Não obstante a determinação e apesar do regresso a Cafarnaum, a maioria dos apostolos prosseguiu em discussão, estranhando que o Mestre nada fizesse, reagindo contra as envenenadas insinuações a seu respeito.

*
Dai a alguns dias, obedecendo ás circunstancias ocorrentes naquela situação, Pedro e Felipe procuraram avistar-se com o Senhor, ansiosos pela claridade dos seus ensinos.

— Mestre, chamaram-vos servo de Satanaz e reagimos prontamente! — dizia Pedro, com sinceridade ingenua.

— Observavamos que por vós mesmo nunca oporieis a contradita — ajuntava Felipe, convicto de haver prestado excelente serviço ao Mestre bem amado — e por isso revidámos aos ataques com a maior força de nossas expressões.

Não obstante o calor daquelas afirmativas, Jesus meditava com uma doce placidez no olhar profundo, enquanto os interlocutores o contemplavam, ansiando pela sua palavra de franqueza e de amor.

Afinal, saindo de suas reflexões silenciosas, o Mestre interrogou:

— Acaso poderemos colher uvas nos espinheiros? De modo algum me empenharia em Nazaré numa contradita esteril aos meus opositores. Contudo, procurei ensinar que a melhor replica é sempre a do nosso proprio trabalho, do esforço util que nos seja possivel. Nesse particular, não deixei de operar na minha esfera de ação, de modo a produzir resultados a nossa excursão á cidade vizinha, tornando-a proveitosa, sem desdenhar as palavras construtivas no instante oportuno. De que serviriam as longas discussões publicas, incaidas de doestos e zombarias? Ao termo de todas elas, teríamos apenas menores probabilidades para o triunfo glorioso do amor e maiores motivos para a separatividade e odiosas dissensões. Só devemos dizer aquilo que o coração pode testificar mediante atos sinceros, porque, de outra forma, as afirmações são simples ruido sonoro de uma caixa vasia.

— Mestre — atalhou Felipe, quasi com magua

— a verdade é que a maioria de quantos compreceram ás pregações de Nazaré falava mal de vós!

— Mas, não será vaidade exigirmos que toda gente faça de nossa personalidade elevado conceito? — interrogou Jesus com energia e serenidade. Nas ilusões que as criaturas da Terra inventaram para a sua propria vida, nem sempre constitue bom atestado da nossa conduta o falarem todos bem de nós, indistintamente. Agradar a todos é marchar pelo caminho largo, onde estão as mentiras da convenção. Servir a Deus é tarefa que deve estar acima de tudo e, por vezes, nesse serviço divino, é natural que desagradiemos aos mesquinhos interesses humanos. Felipe, sabes de algum emissario de Deus que fosse bem apreciado no seu tempo? Todos os portadores da verdade do céu são incomprendidos de seus contemporaneos. Portanto, é indispensavel consideremos que o conceito justo é respeitavel, mas, antes dele, necessitamos obter a aprovação legitima da consciencia, dentro de nossa lealdade para com Deus.

— Mestre — obtemperou Simão Pedro, a quem as explicações da hora calavam profundamente — nos acontecimentos mais fortes da vida, não deveremos, então, utilizar as palavras energicas e justas?

— Em toda circunstancia, convem naturalmente que se diga o necessario, porém, é tambem imprescindivel que não se perca tempo.

Deixando transparecer que as elucidações não lhe satisfaziam plenamente, perguntou Felipe:

— Senhor, vossos esclarecimentos são indiscutiveis; entretanto, preciso acrescentar que alguns dos companheiros se revelaram insuportaveis nessa viagem a Nazaré; uns me acusaram de brigão e desordeiro, outros de mau entendedor de vossos ensinamentos. Se os proprios irmãos da comunidade apresentam essas falhas, como ha de ser o futuro do Evangelho?

O Mestre refletiu um momento e retrucou:

— Estas são perguntas que cada discípulo deve fazer a si mesmo. Mas, com respeito á comunidade, Felipe, pelo que me compete esclarecer, cumpre-me perguntar-te se já edificaste o reino de Deus no íntimo do teu espírito.

— E' verdade que ainda não — respondeu hesitante o apostolo.

— De dentro dessa realidade, podes observar que, se o nosso colegio fosse constituído de irmãos perfeitos, teria deixado de ser irrepreensível pela adesão de um amigo que ainda não houvesse conquistado a divina edificação.

Ambos os discípulos comprehenderam e se puseram a meditar, enquanto o Cristo continuava:

— O que é indispensável é nunca perdermos de vista o nosso próprio trabalho, sabendo perdoar com verdadeira espontaneidade de coração. Se nos labores da vida um companheiro nos parece insuportável, é possível que também, algumas vezes, sejamos considerados assim. Temos que perdoar aos adversários, trabalhar pelo bem dos nossos inimigos, auxiliar os que zombam da nossa fé.

Nesse ponto de suas afirmativas, Pedro atalhou-o, dizendo:

— Mas, para perdoar não deveremos aguardar que o inimigo se arrependa? E que fazer, na hipótese do malfeitor assumir a atitude dos lôbos sob a pele da ovelha?

— Pedro, o perdão não exclui a necessidade da vigilância, como o amor não prescinde da verdade. A paz é um patrimônio que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado. Se o nosso irmão se arrepende e procura o nosso auxílio fraternal, amparemo-lo com as energias que possamos despender; mas, em nenhuma circunstância cogites de saber se o teu irmão está arrependido. Esquece o mal e trabalha pelo bem. Quando ensinei que cada homem deve conciliar-se depressa com o adversário, busquei salientar que ninguém pode ir

a Deus com um sentimento de odiosidade no coração. Não poderemos saber se o nosso adversário está disposto à conciliação; todavia, podemos garantir que nada se fará sem a nossa boa vontade e pleno esquecimento dos males recebidos. Se o irmão infeliz se arrepender, estejamos sempre dispostos a ampará-lo e, a todo momento, precisamos e devemos olvidar o mal.

Foi quando, então, fez Simão Pedro a sua celebre pergunta:

— “Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?”

Jesus respondeu-lhe, calmamente:

— Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

*

Daí por diante, o Mestre sempre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão reciproco, entre os homens, na obra sublime da redenção.

Acusado de feiticeiro, de servo de Satanás, de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o máximo de boa vontade para com os espíritos mais rasteiros de seu tempo. Sem desprezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitória do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E, no dia inesquecível do Calvário, frente aos seus perseguidores e verdugos, revelando aos homens ser indispensável a imediata conciliação entre o espírito e a harmonia da vida, foram estas as suas últimas palavras — “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!...”